

PONTO VÍRGULA



Karla Salazar, ES de Jaime Moniz (Funchal)

Se ontem fosse
amanhã | P. 2

N.º **5**

VI série

fevereiro

2021

EDUCAÇÃO



@PVnaEscola

Se ontem fosse amanhã



Já se diz desde os antigos tempos que a morte é a prova de um recomeço. A cada minuto alguém deixava aquele mundo para trás e os restantes avançavam uma posição na fila. Um ciclo inquebrável, uma segunda oportunidade para os caídos, pelo menos era o que deveria ser. A bâtega abalava toda a cidade desde as praias aos planaltos. O próximo na fila era Kami, um jovem estrangeiro estudando num país que acredita em futuros. Ao chegar a Oari, a porta que divide o Céu e o Abismo, Kami foi desafiado a mostrar a pureza de sua alma por forma a se saber que tipo de homem este tinha sido. O seu minuto começou, mas ele apenas se sentou num canto, sem nenhuma palavra, e no fim do mesmo minuto tomou a sua direção para o abismo por conta própria. Lá é comum enfrentarem-se os medos, os arrependimentos da vida, mas para ele não havia nada. Era apenas um quarto vazio, sem nenhuma saída para além da porta que eventualmente acabou por desaparecer. Um quarto em branco como as suas memórias. O rapazito fechou os olhos e encontrou-se num cenário onde tudo era terra e céu; nenhuma flor foi capaz de nascer ali, nenhuma outra vida foi capaz de se formar.

Quanto mais caminhava naquela terra de ninguém, mais vazio parecia. As únicas vidas existentes escondiam-se numa barricada, vestiam as cores do exército e permaneciam em silêncio sem sentir a presença do estrangeiro, que acabou por ficar por lá. Era apenas possível ouvir os pequenos suspiros, as rezas, o bater de seus corações. Kami, que passeava por entre os estreitos corredores, acabou por se encontrar com a sua identidade. Ele vestia as mesmas vestes, rezava as mesmas orações; só Deus sabe os infortúnios que aqueles olhos fundos e fracos viram. O estrangeiro apercebeu-se então que só se seguisse o seu corpo entenderia o que realmente tinha acontecido. Os dias passavam e a probabilidade de sobreviverem à guerra era cada vez menor. Os soldados iam traçando o seu caminho para Oari, mas o rapazito que Kami era suportou a fome e a sede um pouco mais. Pessoas ajudam pessoas, e mesmo que a sorte seja injusta, ele não se limitou à ajuda de anjos. Levantou-se com alguma dificuldade e atravessou a mesma terra de ninguém, até avistar o inimigo do outro lado.

Entregando-se, implorava para que se salvassem as vidas daqueles para além do vale, mas já metade dos homens tinham atravessado a porta do juízo final. O espírito de Kami ficou atormentado. «E se este ontem fosse o meu amanhã? Seria eu capaz de tomar as ações que não tomei?» Da mesma forma que Kami foi forte o suficiente para receber a vida, também foi forte o suficiente para a devolver. Acreditou que a história da sua primeira vida era a chave para a sua verdadeira liberdade. O espírito de Kami voltou para Oari em busca da sua verdadeira sentença. Encontrou os seus antigos companheiros de batalha e com eles cantou as suas dores e felicidades, e seguiu ao Céu para receber a sua próxima vida. Kami aprendeu que a verdade pode ser dura e bonita e que os seus medos são aquilo que o tornam vivo.

Paula Álvaro
EBS da Ponta do Sol

O verde da alegria

O verde da alegria
As árvores da esperança,
Memórias da infância
Que me trazem segurança.

O azul do mar
Que aumenta a saudade
Que leva pelo ar
A minha felicidade.

Brincadeiras canceladas
No cinzento dos dias tristes,
Jamais serão lembradas
Porque nos deixaram infelizes.

Pensamentos trazidos
Nas memórias esquecidas
Que foram sentidas
Nas amizades perdidas.



Andresa Garcês
EBS/PE da Calheta

Pausa para PV!



Na Ribeira Brava, o 'Ponto e Vírgula' não é secundário. O suplemento do ensino secundário está presente nas aulas e nos momentos de pausa... de alunos e professores.



Turma 11º I
EBS Padre Manuel Álvares
(Ribeira Brava)

Editor... por um dia

O que é que uma jovem de 18 anos sabe sobre o mundo? Uma pergunta complexa que pode ser respondida com uma genuína simplicidade: “Quase nada”.

Ideias soltas vagueiam por caminhos solitários, palavras sem nexos fluem pela minha cabeça todos os dias em busca de algum significado, palavras como “se ontem fosse amanhã” – título da chamada de capa desta edição. No entanto, por teimosia ou simples vontade de chegar sempre ao fundo da questão, fico a cismar até arranjar uma ligação plausível, ou uma razão por me terem chamado à atenção.

Viver numa ilha, perdida no atlântico, tem as suas vantagens, uma das quais é ter – como explicação ou termo de comparação para as minhas divagações – elementos da natureza; estes que, na sua maioria, se encontram no seu estado mais puro: o mar e as suas harmoniosas e periódicas ondas, o sol que mostra a sua beleza todos os dias quando se aproxima graciosamente do horizonte e o céu estrelado numa noite serena de inverno.

De todos esses encantos que a nossa ilha nos dá oportunidade de contemplar diariamente, as estrelas são, sem dúvida alguma, aquele que capta a minha atenção por completo e que me merece reflexão ou mero deslumbre. Estes astros, aos olhos humanos mais distraídos, não passam de pequenos pontos brilhantes no céu, no entanto, para mim são muito mais do que isso. Por estarem a anos-luz da Terra, o que vemos todos os dias à noite não é o presente, mas sim o passado, o meu ontem. O seu famoso brilho viaja pelo espaço durante anos e nós temos a sorte de o ver todos os dias. As estrelas são também um dos motores da minha alma, porque me dão esperança para o futuro, o meu amanhã. A possibilidade de um dia conseguir alcançar o desconhecido, e conhecer pessoalmente o céu estrelado, torna-me ainda mais determinada a atingir novos objetivos. Para uma jovem que alega saber quase nada sobre o mundo, espero que vos tenha incentivado a olharem para as estrelas e a ficarem mais perto da verdadeira beleza do mundo.

Sara Freitas
EBS Dr. Ângelo Augusto da Silva
(Funchal)



Blanche

Eu gosto de livros. Não é segredo nenhum, e é quase que um requisito para ser bibliotecária como eu. Tenho, no meu arquivo, uma miríade de histórias que acumulei ao longo dos anos, em livros, cadernos, folhas soltas, algumas que eu própria escrevi, textos de vidas passadas e de mundos que outros podem apenas imaginar. Faltam apenas visitantes...

Têm sido cada vez menos à medida que os anos passam. Mas, há alguns meses, aconteceu-me algo inesperado. Tive um visitante, um rapaz louro. Como todos os que visitam, deu uma olhadela pelas estantes, **vagueou pelos corredores da minha biblioteca, passando os olhos curiosos nas lombadas dos livros**, e até folheou alguns. Convidei-o para um chá; afinal, já não tinha visitas há algum tempo.

Ele aceitou, o que é raro entre os visitantes, e tivemos uma excelente conversa para acompanhar o Earl Grey.

Mas nunca tinha tido um visitante que ficasse por cá. Comecei por achar estranho, mas... por fim habituei-me à sua companhia. É agora meu assistente, ajuda-me a organizar os inúmeros livros que tenho, a preparar chá, e, talvez mais importante, faz-me companhia. Tenho as histórias que ele me contou na minha secretária, numa pilha de folhas soltas, bem como alguns livros que li por recomendação dele.

Acabei um deles a semana passada – ‘Neuromancer’ – de um tal William Gibson, e, apesar de ter as minhas críticas (alguns palavrões a mais...), devo dizer que gostei da forma como foi escrita a obra, e aquela primeira linha – «O céu sobre o porto tinha a cor de televisão, sintonizada num canal morto» – há de me ficar na memória, tal como este visitante.

Mas sei que ele não durará para sempre, e eu ainda hei de cá estar quando ele partir. Por isso, tenho ainda uma prateleira guardada para as histórias que ele escreveu e escreverá pela sua mão... Como esta, que agora está a ler.

É pena, já se faz tarde e ele não pode escrever mais... Talvez, outro dia, ele escreva um pouco mais a meu pedido, e, quem sabe, talvez leias esse texto também.



Tomás Ascensão
EBS de Machico



A união faz a força

“A união faz a força” é uma expressão muito recorrente em todos os assuntos que envolvam movimentos coletivos e significa que, todos juntos, somos mais fortes.

Pelo estudo das Crónicas de Fernão Lopes, torna-se claro que D. João, Mestre de Avis, foi um daqueles que soube como colocar em prática esta expressão. Aproveitou-se do ódio que o povo tinha a D. Leonor e ao seu amante – o fidalgo galego Conde de Andeiro – com vista a arquitetar um plano para o matar. Assim, aquele mandou avisar toda a população que estaria em perigo de vida nos Paços da Rainha, de modo a garantir o seu apoio. No entanto, era apenas uma tática para o Mestre de Avis sair ileso do Paço da Rainha, onde, na verdade, tinha acabado de matar o galego, aliado de D. João I de Castela. Este foi um dos acontecimentos da História de Portugal em que foi possível alimentar a consciência coletiva de um povo, a partir do carinho e da esperança no Mestre de Avis como futuro rei de Portugal, pois o homicídio do amante da rainha surgiu como uma resposta à ameaça castelhana sobre a coroa portuguesa, possibilitando a independência nacional.



Eunice Silva
EBS Dr. Ângelo Augusto da Silva
(Funchal)

O sucesso vem em ondas

Bernardo Pereira, canoísta do Clube Naval da Calheta, é tricampeão nacional júnior de *surfski* (SS1).



Eu pratico canoagem de mar, desde os seis anos, por influência do meu pai, embora a tenha começado a praticar, de um modo mais sério, aos 12 anos, quando participei na minha primeira prova nacional. Treino diariamente e, muitas vezes, duas vezes por dia, porque, no meu plano, estão incluídas muitas modalidades além da canoagem, nomeadamente a natação, entre outras.

O meu maior objetivo, não só nesta, como em todas as épocas, é o campeonato do mundo, pois esta é a prova rainha mundial da canoagem de mar. Caso esta se realize, a minha ambição e motivação para investir tantas horas na minha preparação é vencer.

O atleta que mais me inspira ou, até mesmo, me influencia é, na verdade, qualquer atleta que acaba um treino ou prova à minha frente, visto que são nesses que o meu esforço tem de se concentrar, para que eu possa, no futuro, ultrapassá-los.

Eu encaro a canoagem não como uma modalidade, mas sim como uma amiga, pelo que ela é imprescindível, para mim. Sinto-me bem com a canoagem de mar, sinto que nasci para isto... Nós vivemos numa ilha rodeada por um oceano, por um meio cheio de desconhecido, e, simultaneamente, cheio de vida. A sensação de estarmos sozinhos no mar e de estarmos ligados com a vida animal, do modo mais natural possível, é fantástica!

Bernardo Pereira
ES de Francisco Franco
(Funchal)



Concurso Escolar

Se és aluno do
Ensino Secundário,
participa na tua
escola!



Voar



#Ilustração

Ana Caldeira
EBS de Francisco Franco
(Funchal)



grande
ideia



#Fotografia



Insólitos com história



Tiago Abreu
EBS Padre Manuel Álvares
(Ribeira Brava)

#Investigação Histórica



Festa de São Sebastião em Câmara de Lobos

O nosso espírito alimenta-se da curiosidade e da exploração de informação. Como tal, com os sentidos direcionados para Câmara de Lobos e, concretamente, para a sua gente, tradições festivas e romarias, impôs-se refletir sobre a Festa de São Sebastião. São Sebastião é considerado como o padroeiro desta comunidade madeirense, celebrando a paróquia local a festa em seu nome. São Sebastião nasceu na cidade de Narbonne, em França, em 256 d.C. O seu nome deriva do grego, *Sebastós*, que significa divino, venerável. Pela fé em Jesus Cristo, foi martirizado, morrendo durante a perseguição levada a cabo pelo imperador romano Diocleciano. A Igreja de São Sebastião, localizada no centro da cidade de Câmara de Lobos, fora outrora uma capela – mandada construir em 1426 sob a ordem do Infante D. Henrique – e que, mais tarde, nos séculos XVII e XVIII, com o aumento populacional, foi ampliada e remodelada, transformando-se na atual Igreja. Esta presenteia-nos com o estilo barroco, com três naves e um altar-mor em talha dourada. Na capela do Santíssimo Sacramento, existe um painel de azulejos do século XVIII representando o Agnus Dei e, no exterior, sobressai o brasão da família de João Gonçalves Zarco em pedra de calhau. O dia litúrgico deste santo é assinalado a 20 de janeiro e as celebrações acontecem na igreja e ao seu redor. Compete à Confraria de São Sebastião a organização das celebrações, a que se juntam os festeiros nomeados. A festa é comemorada através de uma cerimónia litúrgica, uma Eucaristia e uma procissão que percorre algumas das principais ruas da baixa câmara-lobense. Esta festa contribui para revelar a essência deste povo: caracteriza-se também por animação, com música popular e comes e bebes; as vivências e a consulta popular atestam que os câmara-lobenses mantêm nas suas casas a lapinha, o presépio e o pinheiro de Natal até à festa do seu padroeiro.

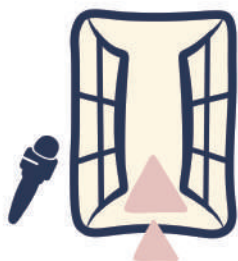
Webgrafia:

<https://www.jornaldamadeira.com/2021/01/11/camara-de-lobos-festeja-sao-sebastiao/>
https://pt.wikipedia.org/wiki/Sebasti%C3%A3o_de_Narbona
<https://freguesias.dnoticias.pt/camara-de-lobos-fecha-o-natal-com-sao-sebastiao/>
<http://www.visitmadeira.pt/pt-pt/explorar/detalhe/igreja-matriz-de-sao-sebastiao>
<https://www.jornaldamadeira.com/2017/11/19/matriz-de-camara-de-lobos-em-destaque/>

(Fotografias gentilmente cedidas por Paulo Silva)

Margarida Romão
EBS Dr. Luís Maurílio da Silva Dantas – Carmo
(Câmara de Lobos)





#Reportagem

Dos cinemas para a vida real

'Pandemia covid-19' - "estreado" a 1 de dezembro de 2019 na cidade de Wuhan, localizada na China, este filme alia ação, drama e terror de última geração, em que a personagem principal se apresenta com múltiplos e incríveis poderes.

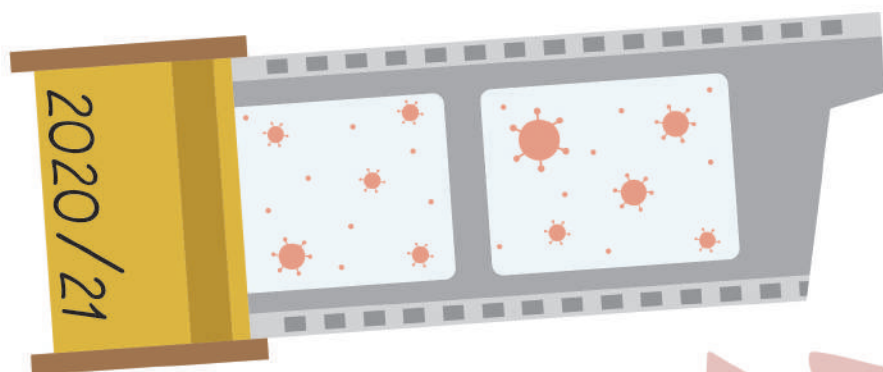
Catapultaram-se notícias sobre a covid-19, que se encontrava em grande expansão pelo mundo. Num olhar mais longínquo, parecia que as primeiras reações não indicavam que o problema poderia chegar a Portugal e atingir este país gravemente, ainda que circulasse o conhecimento das graves consequências nos primeiros países fustigados. O termo 'pandemia' não fazia parte do vocabulário comum, estando os portugueses mais familiarizados com termos relacionados com injustiças sociais, corrupção, violência doméstica, racismo, entre outros já tão banalizados, por integrarem as suas narrativas diárias. Contudo, a vida "normal" teve de ceder a uma normalidade diferente da que a população estava habituada. Assim sendo, tudo se precipitou e outras palavras ou expressões começaram a fazer parte desta nova realidade: isolamento social, *lockdown*, coronavírus, ventiladores pulmonares, intubação, pandemia, máscaras, etc. Os hábitos tiveram de ser rapidamente modificados para que o trabalho, a educação, a saúde, os convívios familiares e sociais pudessem continuar de modo diferente do "normal", refletindo "o novo normal".

Frente ao panorama repleto de contos tristes, vislumbrava-se uma oportunidade para repensar: os comportamentos humanos, a alteração dos hábitos, o exercício da resiliência, a valorização da saúde, os laços familiares e de amizade, bem como o significado da solidariedade, a luta contra a ignorância, contra o desprezo pelas vidas humanas e as injustiças sociais, etc. O aparecimento inopinado da pandemia arremessou todos ao isolamento social, levando cada pessoa a procurar o sentido de tudo isto.

À medida que o exterior perdia vida e se tornava deserto, a mente humana teimava em deixar vir à tona as piores e as melhores emoções. O constante bombardeamento de informações contribuiu para o desenvolvimento de comportamentos erráticos, transtornos e até mesmo vícios, expondo o descontrolo emocional.

Houve que aprender a conviver com os fantasmas interiores, sem ter por onde escapar. Houve que aprender a lidar com as frustrações e os medos. Perante os novos desafios, ainda existe uma oportunidade para todos reconsiderarem as suas prioridades e as da sociedade em geral.

Helena Sá
EBS/PE da Calheta



#Poesia

Mar de rosas

Tu eras um mar profundo
Daqueles de rosas, julguei eu
Sem qualquer espinho, um novo mundo
Mas espinhos toda a rosa tem
E disso sabia eu bem

E numa questão de instantes
Quis-te mais que por inteiro
Tu e eu, dois meros amantes
Repletos por momentos impactantes
Debruçados sobre o sempre, sem receio

Enquanto a mente me consumia
E não via além do esplendor
O meu pensamento deduzia
Que era tão bom morrer de amor
E mesmo assim continuar viva

E o nosso adeus eterno
Proveio de cada olhar indiferente
Juraste me amar de inverno a inverno
No entanto, amar não chega
Quando não se ama o suficiente

Entre tanto mar e maresia
Tentava eu entender
O porquê disto tudo, mas só me surgia
Eu ser a poesia
Que tu não soubeste ler

A compilação de tudo o que senti
Na minha cabeça anda a navegar
Traz-me imensa confusão e assim,
Não sei se ria por me lembrar de ti
Ou se chore por de ti lembrar

E o que em tempos fora amor
Despedaçou-se em mil pedaços
Tento eu amenizar a dor
Esperando ainda que um dia
Volte a acordar em teus braços

Ana Prata
EBS de Machico



#Investigação Histórica

Festas religiosas e os santos populares no Porto Santo

As festas religiosas e os santos populares são os principais alicerces da cultura de cada canto do nosso país e, como tal, são muito importantes para todos os seus habitantes, que as festejam todos os anos fervorosamente nas terras mais recônditas. É uma forma de prestar culto à religião predominante e manter a herança cultural.

Dentre inúmeros polos de interesse que, ano após ano, atraem à Ilha do Porto Santo milhares de turistas, as festas e romarias ocupam, hoje, um lugar de relevo, sobretudo se estivermos a falar das Festas de São João, ou até mesmo da Festa das Vindimas, a qual tem vindo a conquistar notoriedade.

Mas agora vou falar-vos da festa de São João, o santo padroeiro da Cidade do Porto Santo. Este evento constitui um dos maiores cartazes turísticos da Ilha Dourada e é um acontecimento integrado nas Festas do Concelho, cujas comemorações decorrem habitualmente entre os dias 20 e 25 do mês de junho. O ponto alto desta festividade são as Marchas Populares, nas quais vários figurantes desfilam pelas principais ruas da cidade ao som de músicas que retratam o quotidiano de outros tempos. É quase uma recriação histórica que pretende não deixar esquecer as mais antigas tradições porto-santenses. Paralelamente, são realizadas diversas atividades desportivas e culturais, desde espetáculos musicais a torneios desportivos, passando pela gastronomia e pelo lançamento de obras literárias e históricas.

No mês de agosto existem duas festas religiosas que mobilizam centenas de fiéis. São elas as Festas de Nossa

Senhora da Graça e de Nossa Senhora da Piedade, celebradas junto às suas Igrejas, respetivamente, em meados e finais de agosto. Ambas as festas incluem uma procissão e não faltam os arraiais de comes-e-bebes, sempre com muita animação e folia.

Seria injusto encerrar esta pequena investigação sem falar da Festa das Vindimas, que quando foi criada se tornou uma novidade bem recebida junto dos porto-santenses. Durante os últimos três dias de agosto, num lagar público, há provas de vinho e demonstração do processo da feitura do afamado vinho do Porto Santo, juntamente com animação musical e com grupos de cantares tradicionais. A festa é marcadamente profana, mas é a divindade Baco que a tudo preside. E quando a pandemia passar, dizem os porto-santenses, a festa será a triplicar.

Bibliografia:

SOUSA, Lucília (2004). Festas Joaninas do Porto Santo. Editorial Eco do Funchal.

Fotografias:

Festa da capela da graça porto santo - Bing
Marchas porto santo - Bing



Leonor Mendonça

EBS Prof. Dr. Francisco de Freitas Branco
(Porto Santo)

#Conto

A despedida

O dia em que soube que ia embora deveria ser de imensa felicidade. Aliás, foi isso que deixou transparecer enquanto celebrava com os pais o resultado na pauta afixada à sua frente.

Rapidamente toda a família ficou a saber da boa nova, num almoço recheado de todas as iguarias que ela adorava, principalmente quem se encontrava sentado à volta da mesa. Todos a congratulavam e mostravam o imenso orgulho que tinham nos seus feitos.

«Que feitos? A escolha egoísta que fiz?»

Esta amargura pintava a felicidade que devia sentir quando estava a um passo de realizar o que tanto ambicionava. A memória do momento em que soube que tinha de ir embora invadiu o pensamento: uma tarde, após a escola, onde confessou à mãe o seu sonho de estudar o passado, e onde a mãe, forçando um sorriso, admitiu a realidade para a qual ainda não estava preparada.

«Meu amor, mas para isso tens de ir embora!»

Na altura, a sua ingenuidade libertou-a do peso daquelas palavras, mas, com o passar dos anos, apercebeu-se do funcionamento do mundo e teve, como todos os jovens, de fazer a escolha entre o fim do seu sonho ou deixar para trás tudo aquilo que conhecia. Ao aceitar o preço a pagar por um sonho, viu cada segundo naquela ilha como os grãos de areia numa ampulheta, esgotando-se a pouco e pouco. Apresentou, sob o olhar atento de todos os que a rodeavam, a candidatura a uma nova vida, que havia começado na hora em que pousaram o exame na sua secretária. Não foi surpresa para ninguém quando esta foi aceite. Os amigos que já haviam partido davam inúmeros conselhos sobre o

próximo passo a seguir, assim como os seus professores e a sua família. Contudo, nenhum deles parecia querer falar sobre a maior dor que se seguiria: a dor da despedida.

Enquanto os seus pais lhe garantiam uma casa (mas não um lar) e uma passagem de avião, onde só se lia "Ida", ela teve de arrumar toda uma vida em três malas, ao mesmo tempo que lutava contra as lágrimas teimosamente derramadas sempre que se encontrava sozinha.

Estava prestes a embarcar no desconhecido, no mundo real, deixando para trás tudo aquilo que mais amava na vida, e este facto fazia-a questionar cada vez mais se o preço a pagar não seria demasiado alto.

A despedida da casa dos avós foi chorosa: a avó garantia que esperaria ansiosamente pelo seu regresso, contendo as lágrimas que manchariam a felicidade da neta, mal sabendo que já o haviam feito sem sequer terem caído. Os pais disseram o quanto a amavam. Ela disse o quanto os amava e que lhes devia absolutamente tudo e as suas figuras ficaram, por fim, do outro lado da porta de vidro, acenando até desaparecerem.

Ela nunca havia percebido o significado da palavra 'saudade' até ao momento em que, da janela do avião, via a sua ilha ser iluminada pelos primeiros raios da manhã. Pensava em quando (e se) voltasse se os dias de sol teriam dado lugar ao inverno, se a avó ainda estaria à sua espera... Um sentimento amargo fez-se sentir no seu coração apertado.

Nada voltaria a ser o mesmo.

Daniela Gomes
Escola da APEL
(Funchal)

#Poesia

Eu? Não sei

Fui outra.
Olho-me ao espelho
E já não me reconheço.

De que é feito o brilho nos olhos que outrora tive?
Para onde foi a pessoa determinada que habitou em mim?
Não sei.
Só sei que estou perdida.
Perdida nesta minha mente angustiada
Mente que arranja soluções
Mas que também as rejeita.
Mente que toma decisões
Mas que não as aceita.

Estou assim.
Numa incansável batalha interior.
Estou sentada, quieta
Mas respiro como se tivesse acabado a maratona.
A ansiedade abraça-me.
Tento escapar
Mas esta inércia intrínseca apodera-se
E torna aqueles braços mais fortes.

Olho para trás
E desejo ser quem fui
Motivada, enérgica, feliz.
Sempre achei que nunca ia fazer certas coisas,
Desistir de outras
Mas hoje sei com toda a certeza:
Que o nunca só existe, até deixar de existir
Que só quando os sapatos estão nos nossos pés
É que nos faz sentido.

Já não sei quem sou.
Com a minha máscara posta
Até pareço eu,
Mas sem ela,
Sou também eu:
A eu que se perdeu.

Não me venham com a lengalenga do
"Basta querer".
Quero voltar para trás e não consigo.
Quero ser quem fui e não posso.
Estou presa por este cansaço interior.
Não encontro mais em mim
Para ir além do que me pedem.
Enjoei das críticas, dos comentários mesquinhos.
Agora, sou para os outros e não para mim.
Não queriam assim?
Pois aqui o têm.

Amanhã hei de me encontrar,
Mas enquanto isso,
Desfruto desta angústia.
Sim, não estou louca
Ouviram bem.
DES-FRU-TO.
É porque estou aqui, assim
Que amanhã, quando me encontrar,
Saberei de veras que me encontrei.

Fui outra.

Não fomos todos outro?
Não estamos todos um pouco perdidos?

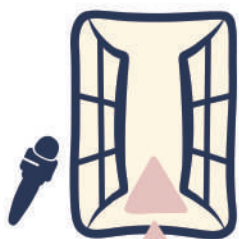
Clara Vasconcelos
ES de Jaime Moniz
(Funchal)

#Fotografia

D'o Insólito



Érica Gonçalves
EBS da Ponta do Sol



#Reportagem

Inauguração da galeria Espaçoamar: 'Dar a palavra'

No pretérito dia 27 de janeiro, ficou patente ao público, na Galeria Espaçoamar, da Escola Básica e Secundária Gonçalves Zarco, uma instalação da artista plástica Teresa Jardim: 'Dar a palavra'. A abertura da exposição foi transmitida *online* devido ao contexto de confinamento e pode ser (re)visto no sítio *web* da galeria.

Neste evento esteve presente o presidente da Câmara Municipal do Funchal, Miguel Gouveia, que se congratulou com «o regresso deste tipo de iniciativas, (...) [pois] é importante continuar a apoiar a cultura e a acarinhar os agentes culturais e os artistas regionais.» Duarte Caldeira, presidente da Junta de Freguesia de São Martinho também esteve presente. A diretora da escola, Cristina Duarte, agradeceu a ambos a presença e o apoio; à artista, a sua disponibilidade; à equipa responsável do espaço, o arrojo da iniciativa e, aos poucos alunos, apelou a que visitassem a galeria e "olhassem" a instalação da artista.

Destacam-se, nas peças, as reflexões da artista sobre a palavra e o seu poder, a urgência da inter-relação das pessoas. A palavra tem uma importância enorme, já que Teresa Jardim a aborda como um presente, uma dádiva que oferecemos a quem nos ouve. A artista, também escritora e professora, convida-nos a olhar para a palavra e a pensarmos no modo como vemos o mundo. Dar a palavra é importante e algo a que cada um de nós tem direito. Cada um de nós pode expressar este ato sem se sentir reprimido ou julgado, porque não é ilegal.

Num apontamento *online*, a professora universitária Isabel Santa Clara considera que, nesta artista, «a poesia e a pintura são os dois grandes pilares do seu trabalho e se misturam livremente... e surgem como um quadro na verticalidade da parede». Relevo, nesta exposição, o poder salvador da palavra. Quem nos pode salvar, senão nós mesmos? Não podemos salvar alguém

que não quer ser salvo. Se nós queremos ser salvos, temos de fazer por isso, já que as coisas não caem do céu. E neste contexto pandémico, a arte e a palavra dão outro valor à vida e às relações humanas. A artista Teresa Jardim recorda o peso da palavra. «Antigamente, vendiam-se produtos e a palavra era a única coisa que garantia que essa pessoa iria pagar a dívida, era quase como se assinasse um documento a garanti-lo. Será que se perdeu?» questiona. Uma instalação a merecer uma visita, onde em campo expandido a imagem, a pintura e a poesia fazem nascer, nova, a Palavra.



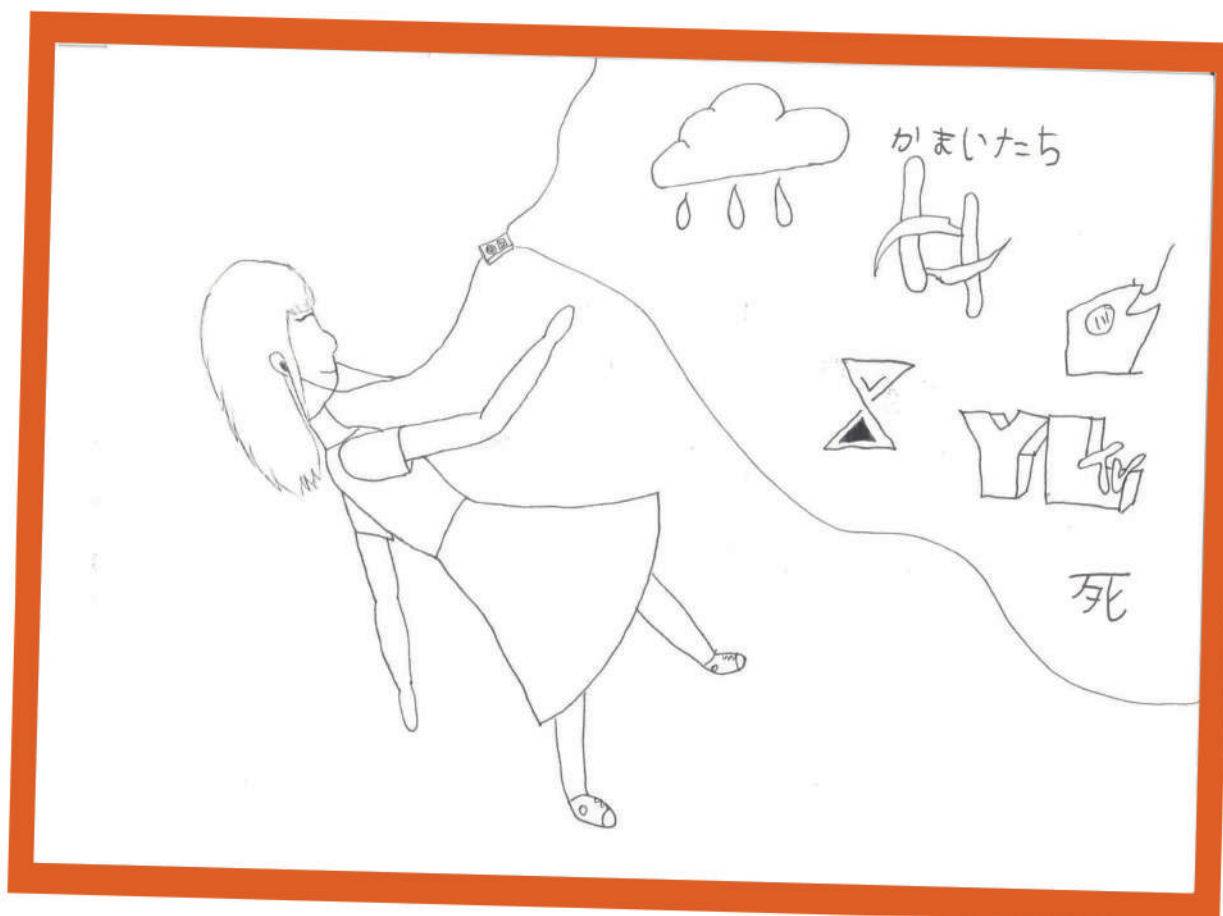
Eva Oliveira
EBS Gonçalves Zarco
(Funchal)



#Ilustração



Voando com a Música



Olga Machado
EBS/PE/C do Porto Moniz



#Conto

Pequeno conto com um quê de moral

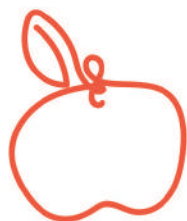
No mundo rural, quase inevitavelmente espectral como pobre, os jovens passam por uma diversificada ausência de bens. José e Gabriel, amigos desde que a memória permitia constatar, alimentavam com sonhos as fomes que a vida ia apresentando.

Todos os dias, antes de se deslocar para a escola, José recebia do seu pai uma maçã. O ascendente, de pobreza firmada, não conseguia, nunca, reunir sequer uns trocos suficientes para que o filho adquirisse, como era ambição, um simples bolo.

A família de Gabriel, movendo-se num universo de maior abundância, dotada de melhores condições financeiras, facultava-lhe dinheiro para que o filho comesse à vontade. Uma vez juntos, no recinto escolar, nos intervalos concebidos, também, para a reposição de energias, enquanto José comia a sua singular maçã, Gabriel tragava cinco recheadas bolas de Berlim. José, embora invejoso, porque também queria devorar aquelas doçuras, sabia que bem podia poupar sem nunca conseguir comprar sequer uma por semana!... A escassez enchia-lhe os bolsos e, por consequência, a barriga triste.

O tempo fluiu. Os anos foram-se esgotando e, já adultos, José e Gabriel tiveram as suas diferenças acentuadas. José é, agora, um homem saudável, pessoa bem-sucedida. Aprendera, ao comer uma maçã em vez de um bolo por dia, que ao sacrificar os prazeres momentâneos asseguraria a qualidade de vida futura. Gabriel, assoberbado de açúcares processados, tornou-se diabético e um "teso", pois habituara-se a ter tudo o que queria sem realizar qualquer esforço e acabara por, simplesmente, desistir.

Este narrador arrisca afirmar que os pais de José e de Gabriel olham para as respetivas criações com sentimentos bem diversos!



Pedro Martins
EBS Bispo D. Manuel Ferreira Cabral
(Santana)

#InvestigaçãoHistórica

O Arraial de Santo Amaro em Santa Cruz na Madeira

A tradição do Santo Amaro tem a sua origem na cultura dos pescadores da vila de Santa Cruz, que consideravam este santo o seu padroeiro e protetor. Como o Santo Amaro era o patrono do mar, os pescadores de Santa Cruz costumavam rezar a este quando o peixe escasseava, quando havia tempestades e quando havia enchentes nas ribeiras. Para honrar o Santo Amaro e a devoção da população, foi construída uma capela nos inícios do século XVI, tendo esta sido reconstruída no século XX.

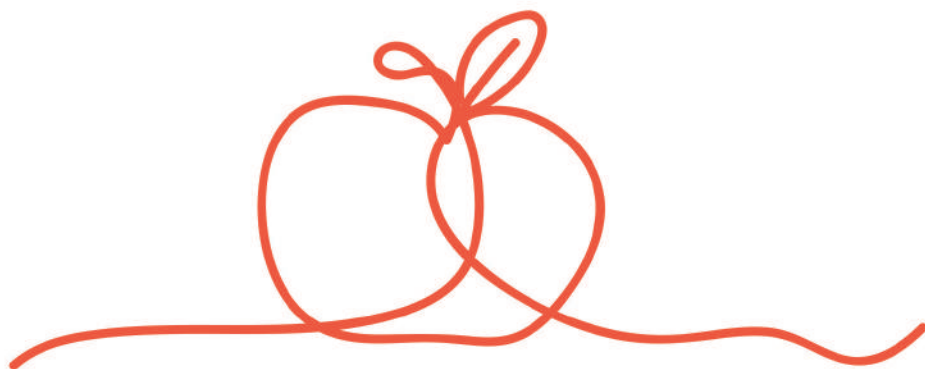
Atualmente o Arraial de Santo Amaro é a primeira e maior festa do ano no concelho de Santa Cruz, celebrando-se anualmente a 15 de janeiro e representando o encerramento da quadra natalícia. No dia de Santo Amaro, existe uma festa religiosa, que consiste na celebração de uma missa e procissão, e uma festa profana, que consiste em atividades culturais, tais como concertos, música tradicional, mostras gastronómicas e de artesanato. Esta tradição também está associada à expressão popular "o varrer dos armários", que significa procurar e comer as iguarias confeccionadas no Natal (bolo de mel, broas, licores).

As tradições são importantes para as populações porque mantêm vivas e recriam as memórias, usos e costumes dos seus antepassados, são o retrato das culturas das sociedades ao longo dos tempos, são as suas identidades.

Fontes de informação:

Capela de Santo Amaro (Santa Cruz, Madeira) – [https://pt.wikipedia.org/wiki/Capela_de_Santo_Amaro_\(Santa_Cruz,_Madeira\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Capela_de_Santo_Amaro_(Santa_Cruz,_Madeira)) [consultado em 27-01-2021].
"tradição", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2020, <https://dicionario.priberam.org/tradi%C3%A7%C3%A3o> [consultado em 27-01-2021].
"cultura", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2020, <https://dicionario.priberam.org/cultura> [consultado em 27-01-2021].
Video informativo – <https://facebook.com/MadeiraViva/videos/225361049187032/> [consultado em 27-01-2021].
Imagens da capela de Santo Amaro – <https://matrizdemachico.blogspot.com/2012/01/celebracao-de-santo-amaro-em-santa-cruz.html> [consultado em 27-01-2021].

Beatriz Freitas
EBS de Santa Cruz





A oportunidade

Raquel lia entusiasticamente o livro que o pai lhe dera no aniversário, quando ouviu o despertador no quarto do irmão. Tinha passado a noite a devorar a história de Vivian Miller. Tudo naquela narrativa parecia inspirá-la a mudar drasticamente a sua vida, sonhara desde sempre em ser médica legista, mas agora, a poucos meses de se candidatar à faculdade, percebia que não era esse o caminho, precisava encontrar uma nova paixão. O relógio marcava as 7h50 quando entrou na escola. Era apenas mais uma quarta-feira de aulas em que começaria o dia com Educação Visual. Embora simpatizasse com o professor, as suas aulas teóricas eram incrivelmente secantes; da última vez tivera que se beliscar múltiplas vezes para se manter acordada. Hoje, por não ter dormido, receava que fosse impossível não se deixar embalar por aquela voz rouca. Quando entrou na sala, pronta para enterrar a cabeça entre o casaco e a mochila, percebeu que, afinal, não seria apenas mais um dia monótono. À frente do quadro de giz negro estavam dois

polícias que via regularmente na escola. Pensou que estivessem ali para falar das consequências da droga ou do álcool. O burburinho dos primeiros minutos das 8h da manhã dissipou-se ao som do toque de feriado e então, um dos polícias tomou a palavra:

– Bom dia. Eu sou o agente Bruno Camarão e esta é a minha colega Adelaide Caires. Presumimos que ontem tenham ouvido as notícias e tomado conhecimento do homicídio da professora Aurora. Raquel foi apanhada de surpresa, pois além de não saber do crime também não fazia ideia de quem fosse aquela professora.

– Sabemos que este é um momento difícil para toda a instituição, mas viemos aqui na esperança de obter alguma pista. Por isso, se têm alguma informação e que nos queiram contar, não tenham medo, tudo pode ajudar. Ninguém se pronunciou e o monólogo continuou durante algum tempo, mas Raquel voou para longe, magicando naquele acontecimento. Decidiu aprofundar a ideia que a sua mente sugeria e percebeu,

quase de imediato, a oportunidade perfeita para o seu futuro. Decidiu, instintivamente, que durante a tarde apareceria na esquadra da polícia para se oferecer como voluntária na investigação da morte da professora. Assim o fez e, para sua admiração, aceitaram-na como parte da equipa. Assim, começava uma nova realidade para si. As pistas iam surgindo todos os dias e, três meses depois, já tinham provas que indicavam que o assassino só poderia ser uma mulher de cabelo negro curto, entre os 50 e os 65 anos e que calçasse luvas tamanho L; pelo menos, eram essas as informações divulgadas à população. Numa tarde de domingo, quando se preparava para comparar os seus próprios apontamentos sobre a investigação com os da polícia, percebeu que todas as pistas apontavam para uma só pessoa: a sua avó! Que detestava a referida professora, pois no passado havia sido sua colega de escola e humilhara-a profundamente. Que dilema! Estava agora nas suas mãos proteger a família ou dizer a verdade.

Laura Mata

EBS Dr. Ângelo Augusto da Silva
(Funchal)



#Fotografia

Insólitos banais



Gabriel Salazar

EBS D.^a Lucinda Andrade
(São Vicente)

Angel



Ana Abreu
EBS Bispo D. Manuel Ferreira Cabral
(Santana)



A geração covid-19 celebra o Dia Mundial da Educação

Escolas da UNESCO

A Escola Secundária de Jaime Moniz é membro da Rede de Escolas Associadas da UNESCO. No passado dia 25 de janeiro, participou, ativamente, nas celebrações do **Dia Mundial da Educação**. Nesta fase de pandemia, todas as iniciativas extracurriculares são dinamizadas *online*: durante todo o dia, foram partilhadas, na página da rede social Facebook da Escola e desse projeto, mensagens do Presidente da Assembleia Legislativa Regional, do Secretário Regional com a tutela da Educação, da Presidente do Conselho Executivo, assim como depoimentos de docentes e alunos.

José Manuel Rodrigues deixou palavras de incentivo à continuidade da atividade educativa. Afirmou que a «**Escola soube reinventar-se e adaptar-se**» e sublinhou a necessidade de ter em conta as “sequelas” da ausência física da escola. Deixou, ainda, uma mensagem de esperança.

Jorge Carvalho recordou o lema das comemorações deste ano: «Recuperar e revitalizar a geração covid-19». Referiu que «**a transformação positiva da sociedade depende, decisivamente, do que acontece na área da Educação**». Reportou-se à missão da Educação salientando a sua relevância nos dias de hoje.

Ana Isabel Freitas salientou que «**o compromisso de uma educação para todos, de uma escola equitativa e inclusiva, deve continuar a nortear as políticas educativas e as práticas docentes**». Acrescentou que, «neste “tempo covidiano”, em que a expressão “fique em casa” é dever de cidadania em prol da saúde de todos, é imperativo que os alunos continuem a aprender, fazendo uso adequado das tecnologias digitais».

Rolando Almeida, docente da disciplina de Filosofia, foi um dos docentes desafiados a participar. Dissertou sobre a **fragilidade destes tempos**, citou Sugata Mitra a propósito da reinvenção da Escola, através das tecnologias, e venceu a **esperança** como mensagem principal.

Num ano dedicado à Ciência, os outros docentes e alunos participantes provinham das áreas da Física e da Química. Citando Nelson Mandela: «A educação é a arma mais poderosa que podemos usar para mudar o Mundo.» É por isso que devemos celebrar este dia.

Beatriz Vieira
ES de Jaime Moniz
(Funchal)

Ser Correspondente

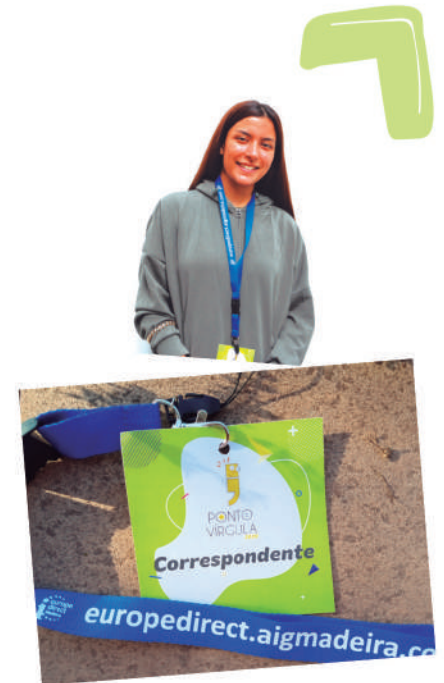
Um desafio do 'Ponto e Vírgula'

Chamo-me Susana Abreu, estou no 11.º ano, no curso de humanidades, na Escola Básica e Secundária Gonçalves Zarco. Esta é a minha escola desde o 7.º ano e tem sido uma escola incrível para mim, com colegas, auxiliares de educação e professores muito amáveis, que me ajudam a crescer em conhecimento a cada dia. Sempre gostei de escrever e sobretudo poemas. Gosto também de interagir com pessoas e de dar a conhecer, aos outros, coisas que são do meu conhecimento e que ainda não conhecem. Recordo-me que era num dia normal de aulas, como todos os outros dias, em que tudo corria numa perfeita harmonia, quando, subitamente, a minha professora de Português do 10.º ano entrou na sala com um seu colega – estava a decorrer a aula de História – para nos falar do projeto 'Ponto e Vírgula' (PV).

Num determinado momento, dirigiu o olhar para mim e perguntou-me se eu queria ser uma das correspondentes desse maravilhoso projeto na minha escola. Num primeiro momento, não estava a perceber nada, mas depois de a professora explicar em que consistia esse desafio, não podia ter ficado mais contente e pensei para mim mesma: – «Não posso perder esta oportunidade!» Então, não hesitei em dizer que sim. Este é, realmente, o meu primeiro ano como correspondente do PV e não tenho razões de queixa, muito pelo contrário; foi um voto de confiança que me deram e estou a gostar bastante de divulgar, dinamizar e encorajar os colegas da escola – que amo e levarei sempre no meu coração para a vida – a estarem cada vez mais envolvidos nos concursos e desafios que o PV proporciona todos os meses.

Não podia estar mais satisfeita de ter essa responsabilidade de incentivar os jovens a envolverem-se na área da escrita, do desenho, da reportagem, do conto, entre outros, como forma de cidadania ativa e empreendedora. Aqui deixo, publicamente, o meu muito obrigado, por esta fantástica oportunidade, a de ser correspondente deste brilhante Projeto Regional! Um bem-haja a todos os envolvidos em levar por diante este inovador desafio!

Susana Cruz
EBS Gonçalves Zarco
(Funchal)



O motor de esperança



A esperança é um sentimento que emerge do fundo da natureza humana, mas que está para além desta e envolve muitas vezes o lado espiritual, o da crença.

A esperança faz parte da nossa condição humana, sendo um sentimento exclusivamente reservado ao Homem; trata-se de uma força interior que nos move e corresponde à aspiração da felicidade existente no coração de cada um de nós. Deste modo, ela funciona também como um impulso capaz de gerar uma energia de confiança e alegria; é uma fonte importante para aqueles que acreditam numa entidade divina utilizada como combustível, que os leva a olhar para o futuro, acreditando que este trará melhores condições do que as oferecidas pelo presente.

Por outro lado, todos os dias somos postos à prova; são muitos os que desistem de lutar e perdem o sentido da vida, isto é, desistem de tudo inclusive da esperança, como um ser que apenas espera o fim e morre sem nunca ter alcançado objetivos ou investido em sonhos.

A meu ver, não podemos desistir, temos de lutar pelo que acreditamos e achamos melhor, para que a esperança nos leve a atingir os resultados desejados.

Maria Morais
EBS Dr. Ângelo Augusto da Silva
(Funchal)



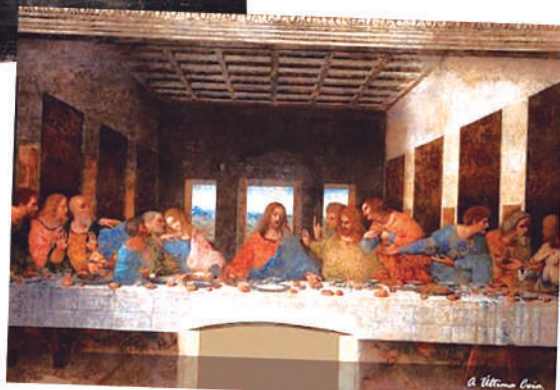
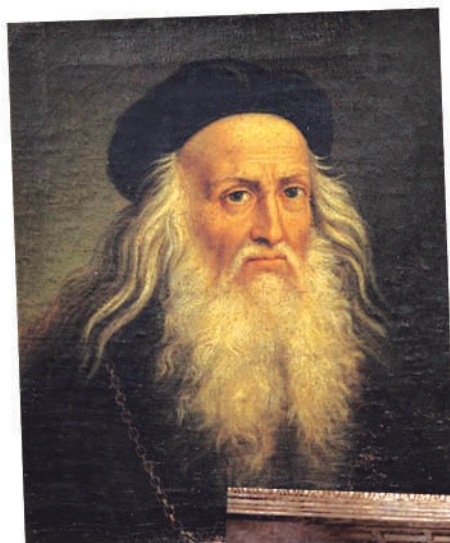
Biografia de Leonardo da Vinci

Leonardo di Ser Piero da Vinci nasceu em Anchiano (Itália) a 15 de abril de 1452 e faleceu a 2 de maio de 1519. Foi um polímata e uma das figuras mais importantes do Alto Renascimento. Leonardo era, como até hoje, conhecido principalmente como pintor.

A *Última Ceia* é uma pintura de Leonardo da Vinci – efetuada para a Igreja de Santa Maria delle Grazie em Milão (Itália) entre 1495 e 1498 – que mede 4,60 por 8,80 metros e é uma das obras mais estudadas e copiadas de todos os tempos.

Representa o episódio bíblico da Última Ceia de Jesus com os Apóstolos antes de ser preso e crucificado.

As pinturas são muito importantes pelo simples facto de aprendermos mais sobre o tipo de arte apreciada naquela altura. Posso concluir que Leonardo da Vinci foi e sempre será um dos grandes pintores da história e que os seus métodos serão sempre lembrados e utilizados.



A Última Ceia

Natasha Teixeira
EBS de Santa Cruz



[Sem título]

Beatriz Rocha
Escola da APEL
(Funchal)



Oficina 1418

O clube escolar 'Oficina 1418' é um dos mais criativos projetos que a Escola Francisco de Freitas Branco, no Porto Santo, tem para oferecer. Iniciado pela professora Isabel Estrela, em parceria com as docentes Isabel Silva e Fátima Gonçalves, este projeto visa transmitir aos alunos o conhecimento e a recriação sobre a cultura da época quinhentista.

1418 foi o ano em que os primeiros navegadores portugueses chegaram à ilha do Porto Santo. Daí a homenagem.

Efetivamente, o clube promove atividades para a aprendizagem da confeção de trajas, costura e elaboração de acessórios de época, bem como ainda desenvolve aptidões na área das danças e jogos medievais, preparando os alunos e os professores para estas valências. A recriação histórica ao vivo a que pudemos

assistir no Festival Colombo de 2020 foi, em parte, da responsabilidade da Oficina 1418. Da mesma forma, nos anos anteriores marcou presença em vários eventos escolares e municipais como a Feira Quinhentista, em Machico, e a Ceia Quinhentista, no Porto Santo.

Para este ano, embora seja uma altura em que os eventos são restritos, planeia novamente a confeção de máscaras para o Festival Colombo 2021, a participação no projeto 'Educar para cooperar – vestir um sorriso', a produção da II Ceia Quinhentista e a participação na Feira Quinhentista, em Machico.

Mariana Correia
EBS Prof. Dr. Francisco de Freitas Branco
(Porto Santo)





'Snu e a vida privada com Sá Carneiro'

Cândida Pinto é uma jornalista portuguesa galardoada com o Prémio Gazeta pela Grande Reportagem "Snu".

A obra 'Snu e a vida privada com Sá Carneiro' consiste numa biografia de Ebba Merete Seidenfaden, mais conhecida por Snu, que significa 'esperta' em dinamarquês. A sua infância divide-se entre a Dinamarca, onde nasceu, Inglaterra, onde estudou, e ainda pela Suécia. Cresce rodeada por um mundo intelectual rico, devido não só à profissão dos pais, ambos jornalistas, mas também pela proximidade entre a mansão onde viveu e a Academia Real das Ciências da Suécia, responsável pela atribuição dos prémios Nobel. No colégio britânico que frequenta, conhece Vasco Abecassis, com quem acaba por casar. Em 1962, vivem em Lisboa, em plena ditadura. O casal tem três filhos, porém acaba por se divorciar. Ainda antes da separação, Snu conhece Francisco Sá Carneiro, natural do Porto e também casado, e os dois apaixonam-se, partilhando a visão de um Portugal livre e democrático. Snu tinha fundado, em 1965, a editora Publicações D. Quixote, que ainda hoje se encontra em funções e que se evidenciava pelas obras arrojadas, algumas apreendidas pela PIDE, e por empregar antigos presos políticos. Por sua vez, Sá Carneiro teve um papel extremamente importante na esfera política nacional, sendo

fundador do PSD e primeiro-ministro – entre 3 de janeiro e de dezembro de 1980. A relação foi contestada por muitos. Snu obteve o divórcio e manteve uma relação amigável com Vasco. No entanto, a mulher de Sá Carneiro, Isabel, muito religiosa e, tal como o político, proveniente de família conservadora, recusou-lho. Assim, Snu e Sá Carneiro passaram a viver em união de facto. A 4 de dezembro de 1980, em Camarate, Lisboa, Snu e Sá Carneiro encontram-se a bordo de um avião que se dirige ao Porto, para um comício político. Menos de um minuto depois de ter descolado, o avião despenhou-se, resultando na morte dos sete passageiros.

Este é um livro enriquecedor por inúmeras razões: elucida relativamente ao cenário político e social português, durante o Estado Novo e no pós-25 de abril, sendo expostas fragilidades resultantes da censura e do isolamento em relação ao resto do mundo; ilustra como o país atrasado era encarado no estrangeiro, em questões como a Guerra Colonial; expõe a visão do panorama político, o que leva ao melhor entendimento da política atual, realçando alguns dos capítulos mais importantes da História da democracia portuguesa. O relato

da vida de Snu, da forma como se opôs ao regime ditatorial, demonstra a importância da instrução, do caráter e da força de vontade. A vontade de elevar Portugal a nível cultural através da D. Quixote trouxe-lhe desafios, porém, sempre demonstrou perseverança e dedicação. A relação com Sá Carneiro chocou a população, desafiando as normas da sociedade, altamente conservadora, no entanto, permaneceram juntos, apesar das consequências na carreira política do ex-primeiro ministro. O trágico evento levou ao falecimento de ambos, mas o legado perdura. A obra conta com os testemunhos daqueles que conviveram com Snu e Sá Carneiro, familiares, amigos próximos, fotografias e outros registos, contribuindo para a autenticidade da escrita e para a sensação de proximidade que invade o leitor. Aborda temas atuais, como a conciliação da vida pessoal e profissional, o papel da mulher na sociedade e a desigualdade de género e a liberdade de expressão, ainda não assegurada a nível mundial. Snu encontrou o seu próprio caminho, contrariando o esperado nas décadas de 60 e 70 em Portugal.

Catarina Silva

EBS Bispo D. Manuel Ferreira Cabral
(Santana)



+CRIATIVIDADE

O 'Ponto e Vírgula' é sinónimo de criatividade e por isso todos os meses esta é premiada! Matilde Brazão e David Pestana, da ES de Francisco Franco, são os vencedores do prémio '+Criatividade' da edição de janeiro de 2021, com a poesia 'Novo ano: solo de mudança'. Coube ao professor Norberto Gomes, assessor artístico do Conservatório – Escola Profissional das Artes da Madeira (CEPAM) e diretor artístico e concertino da Orquestra Clássica da Madeira, a escolha da obra vencedora.

Estes alunos – que descreveram de forma poética os tempos que todos enfrentamos – terão a possibilidade de viver uma experiência artística, orientada pelos professores do CEPAM, assim que a situação pandémica o permita. Não percas as próximas edições do 'Ponto e Vírgula' e descobre os talentos e as opiniões dos teus colegas, de todas as escolas secundárias da Região Autónoma da Madeira. Participa e coloca o teu talento à prova.



O próximo prémio '+Criatividade' pode ser teu!